

# O Livro de Daniel - Número cento e oitenta e dois

## *Alianças e batalhas proféticas: do antigo Seleuco à geopolítica moderna*

Jeff Pippenger

2024-04-12

Os versículos treze e quatorze identificam uma história em que Seleuco e Filipe da Macedônia estavam formando uma aliança, e eles tipificam os Estados Unidos, que são o primeiro exército por procuração de Roma, e a Macedônia (Grécia) é um símbolo das Nações Unidas. Nessa história inicial, uma aliança do rei do norte (Seleuco) e de Filipe (Grécia) representa a história que conduz à Batalha de Pânio, a qual, dois séculos depois, viu o nome da cidade ser mudado de Pânio para Cesareia de Filipe. O nome composto da cidade não comemorava a aliança de Seleuco e Filipe da Macedônia.

O nome "Cesareia de Filipe" deriva da transformação histórica da antiga cidade conhecida como Paneas ou Panium. A cidade foi originalmente chamada Paneas devido à sua proximidade com uma nascente proeminente dedicada ao deus grego Pan. A nascente, que era um importante local religioso na Antiguidade, alimentava o rio Jordão.

Durante o reinado do rei Herodes, o Grande, por volta do século I a.C., a cidade passou por reformas significativas e foi ampliada e embelezada. Cesareia de Filipe recebeu esse nome de Herodes Filipe, filho de Herodes, o Grande. Ele deu à cidade o nome de Cesareia em homenagem ao imperador romano César Augusto e acrescentou "de Filipe" em referência a si mesmo, dando assim origem a Cesareia de Filipe. Portanto, "Cesareia de Filipe" é uma combinação de "Cesareia", refletindo a homenagem de Herodes a César Augusto, e "de Filipe", honrando Herodes Filipe.

Profeticamente, Panium está associado a uma confederação entre Selêuco e Filipe da Macedônia, e também à aliança entre César e Herodes Filipe. Essas duas alianças dizem respeito à aliança entre os Estados Unidos e as Nações Unidas que ocorre após o colapso da Rússia de Putin, tal como é representada por Selêuco e Filipe. Elas também representam a aliança entre o Papado, que é a mãe, e os Estados Unidos, que é a filha, como representados por César e Filipe, que eram ambos representantes de Roma. Juntas, elas identificam os Estados Unidos estendendo-se "através do fosso para agarrar a mão do poder romano" e estendendo-se "sobre o abismo para apertar as mãos com o Espiritismo". Antes da lei dominical do versículo dezesseis, a união tríplice já está estabelecida.

Panium representa o centro do culto grego ao deus Pã. A nascente que era dedicada ao deus grego Pã também era conhecida naquela época como as "Portas do Inferno", e, quando Jesus visitou ali, Sua declaração sobre as "Portas do Inferno" identifica uma luta entre os atributos políticos e religiosos da Grécia (globalismo) e o protestantismo apóstata que ocorre nos últimos dias. É a batalha que foi iniciada pela primeira vez pelo presidente rico que agitou o reino da Grécia no verso dois. É uma batalha externa mundial e também uma batalha interna com os Estados Unidos.

A religião do globalismo é a religião do dragão, que, em nosso contexto moderno, é a religião do wokismo. Em 2020, a besta do abismo sem fundo, identificada no capítulo onze do Apocalipse, manifestou seu poder político e religioso e abateu ambos os chifres da besta da terra. Esse abismo sem fundo, entre outras coisas, é representado pela "Fonte de Pã", que alimentava o rio Jordão.

Na mitologia grega, Pan estava associado à natureza, à vida selvagem e à música rústica, e a presença de uma fonte a ele dedicada tinha importância religiosa para os adoradores. O deus Pan é frequentemente retratado com as pernas, chifres e orelhas de um bode. Pan era considerado o deus dos pastores e dos rebanhos, e era frequentemente retratado como uma divindade brincalhona e travessa que se divertia nas florestas e montanhas. A imagem de Pan como uma divindade de pernas de bode concorda com o capítulo oito de Daniel, em que a Grécia é representada por um bode. As cabras eram um animal doméstico comum na Grécia antiga e eram frequentemente encontradas em regiões montanhosas onde se acreditava que Pan vagava. Essa representação tornou-se um elemento proeminente da iconografia de Pan e persistiu na arte e na literatura gregas que retratavam o deus, incluindo a moeda nacional.

Quando Jesus visitou Cesareia de Filipe, Ele declarou que as "Portas do Inferno" não prevaleceriam contra a Igreja. O que Pedro havia afirmado em resposta à pergunta de Jesus é entendido, na história e na tradição cristãs, como a "Confissão Cristã."

Quando Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que eu, o Filho do Homem, sou? E eles disseram: Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas. Ele lhes disse: Mas vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro respondeu e disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus respondeu e disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelou isso, mas meu Pai, que está nos céus. E eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. Então ordenou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era Jesus, o Cristo. Mateus 16:13-20.

Esta passagem é significativa porque representa um momento decisivo no ministério de Jesus e no desenvolvimento da teologia cristã. A confissão de Pedro de que Jesus é o Messias, o Filho do Deus vivo, é vista como o alicerce da fé cristã e a pedra angular sobre a qual a Igreja é edificada. A frase "sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" é interpretada, na tradição católica, como uma referência ao próprio Pedro, a quem Jesus identifica como a "pedra" sobre a qual a Igreja será edificada. Essa interpretação serve de base para a primazia e a autoridade papal na teologia católica.

Na teologia protestante, a "rocha" não é entendida como uma referência a Pedro pessoalmente, mas à confissão de fé de Pedro em Jesus como o Messias e o Filho de Deus. Nessa perspectiva, o fundamento da Igreja não é Pedro, mas a confissão de que Jesus é o Cristo e o Filho de Deus. Independentemente da interpretação teológica, a Confissão de Pedro em Mateus 16:13-20 é considerada uma passagem central e fundamental na fé cristã, enfatizando a identidade de Jesus como o Messias e o Filho de Deus e afirmando a missão e o propósito da Igreja.

No artigo anterior, apresentamos um trecho de *The Desire of Ages*, no qual a Irmã White identifica algumas das questões associadas à visita de Cristo a Cesareia de Filipe. Um dos pontos que ela observa é que Cristo havia afastado os discípulos da influência dos judeus com o propósito de apresentar as lições de Cesareia de Filipe.

Jesus e Seus discípulos chegaram agora a uma das cidades nos arredores de Cesareia de Filipe. Estavam além dos limites da Galileia, numa região onde a idolatria predominava. Aqui, os discípulos foram afastados da influência dominante do judaísmo e trazidos para um contato mais estreito com o culto pagão. Ao redor deles viam-se formas de superstição que existiam em todas as partes do mundo. Jesus desejava que a visão dessas coisas os levasse a sentir sua responsabilidade para com os pagãos. Durante Sua permanência nessa região, Ele procurou afastar-Se de ensinar o povo e dedicar-Se mais plenamente a Seus discípulos. *The Desire of Ages*, 411.

Em 18 de julho de 2020, Cristo removeu os discípulos de 11 de setembro de 2001 da influência do Adventismo Laodiceano. A primeira decepção na parábola das dez virgens produziu uma separação entre o movimento e a assembleia de escarnecedores que estava em processo de ser preterida. Essa verdade cumpriu-se na história milerita em 19 de abril de 1844 e, novamente, em 18 de julho de 2020. Então começou a história do tempo de tardança, e ela possui a assinatura de “Verdade” tanto no movimento do primeiro quanto no do terceiro anjo.

O primeiro desapontamento é o primeiro de três marcos, e a história conclui-se com o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, que tipifica o "grande terremoto" do capítulo onze de Apocalipse. O princípio, a primeira letra do alfabeto hebraico, representa um desapontamento, e o fim, a vigésima segunda letra do alfabeto hebraico, também representa um desapontamento. A décima terceira letra, que representa rebelião, identifica o desapontamento das virgens insensatas, que manifestam sua condição perdida quando o chamado à meia-noite identifica quem se preparou e quem não se preparou para a crise. As vinte e duas letras do alfabeto hebraico constituem o símbolo da combinação da divindade com a humanidade que se realiza dentro dessa história, embora a história milerita represente o primeiro Kadesh, e a nossa história hoje represente o último Kadesh.

As duas linhas são paralelas, mas uma representa o fracasso do povo de Deus e a outra a vitória do povo de Deus. Pouco antes da cruz, Jesus levou Seus discípulos a Panium, assim como tem trazido Seus discípulos dos últimos dias a Panium e, ao fazê-lo, permitiu que uma decepção afastasse Seus discípulos dos últimos dias da "influência controladora" do Adventismo Laodiceano, representado pelo "Judaísmo" na história de Mateus, capítulo dezesseis. Ao fazer isso, Ele também, simultaneamente, trouxe Seus discípulos a um contato mais estreito com o paganismo, representando assim o ambiente de atuação de Seus discípulos dos últimos dias, que agora vivem a manifestação plena do poder satânico, representada pelos sistemas modernos de comunicação que estão sendo empregados para conduzir o mundo inteiro a receber a marca da besta.

A história de Cesareia de Filipe se alinha com a história da Batalha de Panium e com os versículos 13 a 15. Cristo e Seus discípulos estavam à sombra da cruz, tipificando Seus discípulos dos últimos dias à sombra da lei dominical. Ali, nos versículos 13 a 15, que correspondem à Cesareia de Filipe

e também à Batalha de Panium, que é onde nos encontramos hoje, Cristo começou a ensinar a Seus discípulos sobre o que estava prestes a acontecer no versículo 16.

"Ele estava prestes a lhes falar do sofrimento que O aguardava. Mas primeiro Ele se retirou sozinho e orou para que seus corações fossem preparados para receber Suas palavras." O Desejado de Todas as Nações, 411.

Antes que Cristo contasse aos Seus discípulos sobre a cruz, Ele primeiro ausentou-se, ou demorou-se, marcando assim o tempo de tardança na parábola e na história, de 18 de julho de 2020 a julho de 2023.

"Ao reunir-se com eles, Ele não comunicou de imediato aquilo que desejava transmitir. Antes de fazer isso, deu-lhes a oportunidade de confessarem a fé nEle, para que fossem fortalecidos para a provação que se aproximava." O Desejo das Eras, 411.

Em julho de 2023, o Senhor começou a dar oportunidade aos envolvidos com o desapontamento para expressarem sua fé. Ele fez isso ao desvendar a mensagem de Ezequiel 37, que era uma confirmação da mensagem de 11 de setembro de 2001. Era o fio que unia o tempo do selamento, desde 11 de setembro de 2001, à iminente lei dominical. Fez isso ao colocar o desapontamento de 18 de julho de 2020 na estrutura da verdade, pois aqueles que estavam dispostos a ver podiam reconhecer que todo movimento reformador tem um tema que percorre sua peculiar história sagrada.

Nos últimos dias, a mensagem do terceiro Ai chegou em 11 de setembro de 2001. Depois, proclamou-se uma falsa mensagem do terceiro Ai que produziu decepção, mas a mensagem que os trouxe de volta à vida, após três dias e meio mortos, como ossos secos e espalhados, foi a mensagem dos quatro ventos, que também é o terceiro Ai.

Os discípulos dos últimos dias podem ver, se escolherem ver, que os três marcos do selamento dos cento e quarenta e quatro mil têm o mesmo tema em cada etapa, e que, na segunda etapa, a rebelião representada pela décima terceira letra do alfabeto hebraico confirmou a mensagem como "Verdade". Uma segunda testemunha que o Senhor forneceu consistia no fato de que a primeira decepção dos movimentos reformadores anteriores se baseou em rebelião contra a vontade revelada de Deus, fosse o fato de Moisés não circuncidar seu filho, ou de Uzá tocar naquela arca, ou de Marta e Maria duvidarem da palavra de Jesus acerca da morte de Lázaro. A única linha de reforma que não sustentou o fato de que a primeira decepção se baseou em desobediência foi o movimento de reforma dos mileritas, mas também foi mostrado naquela ocasião que a história dos mileritas possuía marcos internos que se baseavam na verdade de que o oitavo é dos sete.

O fato de que o oitavo é dos sete é um elemento central do Apocalipse de Jesus Cristo que agora está sendo deslacrado, e a transição do movimento milerita filadelfiano para a igreja de Laodiceia foi um marco que identificou quando o movimento laodiceano do terceiro anjo faria a transição para o movimento filadelfiano dos cento e quarenta e quatro mil. Assim, o fato de que o primeiro desapontamento milerita se consumou sem que seu movimento manifestasse desobediência forneceu o contraste para o mesmo marco nos últimos dias, em que o movimento laodiceano do

terceiro anjo desobedeceria e produziria um desapontamento e, ao fazer isso, se alinharia com o marco milenar e produziria a lógica para ver que o movimento dos cento e quarenta e quatro mil é o oitavo, que é dos sete.

Em julho de 2023, o Senhor levantou uma “voz no deserto” para preparar Seu povo dos últimos dias para a crise da lei dominical e, ao voltar de um período de oração para junto dos discípulos, deu-lhes oportunidade de expressar sua fé. No tempo de Cristo, a mensagem era Seu batismo, o ponto em que Jesus se tornou Jesus Cristo. Esse marco se alinha com 11 de setembro de 2001, e Seus discípulos foram questionados sobre o que os homens pensavam e, depois, sobre o que eles próprios pensavam a respeito de Cristo.

Ao juntar-se a eles, Ele não comunicou de imediato aquilo que desejava transmitir. Antes de fazê-lo, deu-lhes a oportunidade de confessar a fé nEle, para que fossem fortalecidos para a provação vindoura. Ele perguntou: 'Quem dizem os homens que eu, o Filho do homem, sou?'

Lamentavelmente, os discípulos foram obrigados a admitir que Israel não havia reconhecido o seu Messias. Alguns, de fato, ao verem Seus milagres, haviam declarado que Ele era o Filho de Davi. As multidões que haviam sido alimentadas em Betsaida desejaram proclamá-lo rei de Israel. Muitos estavam dispostos a aceitá-lo como profeta; mas não criam que Ele fosse o Messias. O Desejo das Eras, 411.

A maioria dentro do adventismo não acreditava no terceiro Aí de 11 de setembro de 2001. Eles acreditavam em alguns dos milagres da palavra profética que haviam sido apresentados no movimento, e alguns entenderam que a mensagem de 11 de setembro de 2001 tinha elementos de verdade, mas não acreditavam realmente nas afirmações de 11 de setembro de 2001.

A afirmação de 11 de setembro de 2001 havia sido tipificada pela afirmação de 11 de agosto de 1840, e essa afirmação foi expressa pela Irmã White ao comentar sobre o cumprimento de 11 de agosto de 1840. Ela declarou:

“No exato tempo especificado, a Turquia, por meio de seus embaixadores, aceitou a proteção das potências aliadas da Europa, colocando-se assim sob o controle das nações cristãs. O acontecimento cumpriu exatamente a predição. Quando isso se tornou conhecido, multidões se convenceram da correção dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus associados, e um impulso extraordinário foi dado ao movimento adventista. Homens de saber e de posição uniram-se a Miller, tanto na pregação como na publicação de seus pontos de vista, e de 1840 a 1844 a obra se estendeu rapidamente.” O Grande Conflito, 334, 335.

O que foi confirmado em 11 de agosto de 1840 foi que os entendimentos proféticos de Miller estavam corretos, e a afirmação de 11 de setembro de 2001 é a confirmação de que os entendimentos proféticos da Future for America estão corretos. A multidão impenitente, em julho de 2023, não podia e não queria aceitar a premissa de que a metodologia concebida por Cristo e confiada à Future for America é, na verdade, a metodologia da chuva serôdia. Mas então Cristo perguntou aos Seus discípulos o que eles, e não a multidão, pensavam.

Jesus então fez uma segunda pergunta, relativa aos próprios discípulos: 'Mas vós, quem dizeis que eu sou?' Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.'

Desde o princípio, Pedro acreditava que Jesus era o Messias. Muitos outros, que haviam sido convencidos pela pregação de João Batista e haviam aceitado a Cristo, começaram a duvidar da missão de João quando ele foi preso e morto; e agora duvidavam de que Jesus fosse o Messias, por quem tinham esperado por tanto tempo. Muitos dos discípulos que ardentemente esperavam que Jesus assumisse o Seu lugar no trono de Davi O deixaram quando perceberam que Ele não tinha tal intenção. Mas Pedro e seus companheiros não se afastaram de sua lealdade. A conduta vacilante dos que ontem louvavam e hoje condenavam não destruiu a fé do verdadeiro seguidor do Salvador. Pedro declarou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Ele não esperou por honras reais para coroar o seu Senhor, mas O aceitou em Sua humilhação.

Pedro havia expressado a fé dos doze. Mesmo assim, os discípulos ainda estavam longe de compreender a missão de Cristo. A oposição e a deturpação dos sacerdotes e governantes, embora não pudessem afastá-los de Cristo, ainda lhes causavam grande perplexidade. Eles não viam claramente o caminho. A influência de sua formação inicial, o ensino dos rabinos, o poder da tradição, ainda obstruíam sua visão da verdade. De tempos em tempos, preciosos raios de luz de Jesus brilhavam sobre eles; ainda assim, muitas vezes, eram como homens Tateando entre sombras. Mas nesse dia, antes de serem postos frente a frente com a grande prova de sua fé, o Espírito Santo repousou sobre eles com poder. Por um breve tempo, seus olhos se desviaram das “coisas que se veem” para contemplar “as que não se veem”. 2 Coríntios 4:18. Sob o véu da humanidade, discerniram a glória do Filho de Deus.

"Jesus respondeu a Pedro, dizendo: 'Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas: porque não foi carne e sangue quem te revelou isto, mas meu Pai, que está nos céus.'" O Desejo das Eras, 412.

A confissão de Pedro, ao identificar que Cristo é o Filho de Deus, tocava diretamente na questão decisiva daquele momento histórico. Chegara o tempo de o Messias aparecer, conforme anunciado pela palavra profética de Deus, e somente os que aceitassem essa verdade seriam contados entre aqueles representados pela declaração de Pedro. Pedro representa os que aceitam a mensagem estabelecida em 11 de setembro de 2001 e que confessam que Jesus é o Filho de Deus. “Pedro havia expressado a fé dos doze”, e os doze que ele representava eram os cento e quarenta e quatro mil. Por essa razão, Cristo mudou, na passagem, o nome de Simão Barjonas para Pedro.

“Simão” significa “aquele que ouve”, e “bar” significa “filho de”, e “Jonas” significa “pomba”. Simão representava aqueles que ouviram a mensagem da pomba, a qual representava as verdades associadas ao batismo de Jesus, quando Ele se tornou o Cristo, ungido com poder, como foi simbolicamente representado pela descida do Espírito Santo na forma de uma pomba.

As linhas de reforma são paralelas entre si e João representa os Mileritas, que em 11 de agosto de 1840 comeram o livrinho. Jeremias se alinha com esse evento, e quando ele comeu o livrinho, foi então chamado pelo nome de Deus.

Foram achadas as tuas palavras, e eu as comi; e a tua palavra foi para mim o gozo e a alegria do meu coração; pois sou chamado pelo teu nome, ó Senhor Deus dos Exércitos. Jeremias

15:16.

Quando o Senhor entrou em aliança com Abrão, Ele mudou o seu nome para Abraão, como fez com Sarai e Jacó. A mudança de um nome representa uma relação de aliança, e no marco em que o símbolo divino desce, o povo de Deus deve comer a mensagem, entrar em aliança, e então o seu nome é mudado. Como representante dos discípulos da época de Cristo, Simão Barjonas representou aqueles que "ouviram" a mensagem da "pomba".

Quando ele deu testemunho de que reconheceu que naquele marco Jesus se tornou o Cristo, e que Ele era o Filho de Deus, e tudo o que isso implica, Cristo então lhe mudou o nome para Pedro. Ele havia expressado a mensagem que o povo da aliança de Cristo daquela época aceitou e, ao fazê-lo, também tipificou os cento e quarenta e quatro mil dos últimos dias.

A letra "P" é a décima sexta letra do alfabeto inglês, e a letra "E" é a quinta letra do alfabeto, e a letra "T" é a vigésima letra, a letra "E" se repete, e o nome termina com a letra "R", que é a décima oitava letra. Dezesesseis "vezes" cinco, "vezes" vinte, "vezes" cinco, "vezes" dezoito é igual a cento e quarenta e quatro mil. O Maravilhoso Linguista falou com Peter em hebraico, e o Novo Testamento foi escrito em grego, e os tradutores da Versão King James produziram o Novo Testamento em inglês.

Apesar das três etapas de línguas distintas, Cristo, que é o Filho de Deus, o Maravilhoso Linguista e o Maravilhoso Contador, incluiu uma ilustração do selamento dos cento e quarenta e quatro mil no capítulo dezesseis de Mateus, que se alinha com a Batalha de Panium e Sua visita a Cesareia de Filipe. Ele fez isso empregando Seu controle sobre a linguagem e os números, pois Ele é tanto Palmoni (o Maravilhoso Contador) quanto o Verbo (o Maravilhoso Linguista).

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Há quase dois mil anos, ouviu-se no céu, do trono de Deus, uma voz de misterioso significado: 'Eis que venho.' 'Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste.... Eis que venho (no rolo do Livro está escrito a meu respeito) para fazer a Tua vontade, ó Deus.' Hebreus 10:5-7. Nestas palavras se anuncia o cumprimento do propósito que estivera oculto desde tempos eternos. Cristo estava prestes a visitar o nosso mundo e a encarnar-Se. Ele diz: 'Um corpo me preparaste.' Se Ele tivesse aparecido com a glória que Lhe pertencia junto do Pai antes que o mundo existisse, não poderíamos ter suportado a luz de Sua presença. Para que pudéssemos contemplá-la e não sermos destruídos, a manifestação de Sua glória foi encoberta. Sua divindade foi velada pela humanidade — a glória invisível na forma humana visível.

Este grande propósito havia sido prefigurado por tipos e símbolos. A sarça ardente, na qual Cristo apareceu a Moisés, manifestou Deus. O símbolo escolhido para a representação da Divindade foi um arbusto humilde, que aparentemente não tinha atrativos. Nele se encerrava o Infinito. O Deus todo-misericordioso velou Sua glória na mais humilde das figuras, para que Moisés pudesse contemplá-la e viver. Assim, na coluna de nuvem de dia e na coluna de fogo de noite, Deus se comunicava com Israel, revelando aos homens Sua vontade e concedendo-lhes Sua graça. A glória de Deus foi atenuada, e Sua majestade velada, para que a fraca visão dos homens finitos a pudesse contemplar. Assim, Cristo havia de vir no 'corpo da

nossa humilhação' (Filipenses 3:21, R. V.), 'em semelhança de homens.' Aos olhos do mundo Ele não possuía formosura que os levasse a desejá-Lo; contudo, era Deus encarnado, a luz do céu e da terra. Sua glória estava velada, Sua grandeza e majestade, ocultas, para que Ele pudesse aproximar-se dos homens aflitos e tentados.

"Deus ordenou a Moisés, para Israel: 'Que Me façam um santuário; para que Eu habite no meio deles' (Êxodo 25:8), e Ele habitou no santuário, no meio do Seu povo. Ao longo de toda a sua penosa peregrinação no deserto, o símbolo de Sua presença estava com eles. Assim, Cristo armou Seu tabernáculo no meio do nosso acampamento humano. Armou Sua tenda ao lado das tendas dos homens, para que pudesse habitar entre nós e nos familiarizar com Seu caráter e Sua vida divinos. 'O Verbo se fez carne e tabernaculou entre nós (e vimos Sua glória, glória como a do Unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade.' João 1:14, R. V., margem."

Desde que Jesus veio habitar entre nós, sabemos que Deus conhece nossas provações e se compadece de nossas dores. Cada filho e cada filha de Adão pode compreender que nosso Criador é o amigo dos pecadores. Pois, em cada doutrina da graça, cada promessa de alegria, cada ato de amor, cada atração divina apresentada na vida do Salvador na terra, vemos 'Deus conosco'.

Satanás apresenta a lei de amor de Deus como uma lei de egoísmo. Ele declara que nos é impossível obedecer aos seus preceitos. A queda de nossos primeiros pais, com toda a desgraça que dela resultou, ele imputa ao Criador, levando os homens a verem Deus como o autor do pecado, do sofrimento e da morte. Jesus haveria de desvendar esse engano. Como um de nós, Ele haveria de dar um exemplo de obediência. Para isso, Ele tomou sobre Si a nossa natureza e passou por nossas experiências. 'Em todas as coisas convinha que fosse feito semelhante a Seus irmãos.' Hebreus 2:17. Se tivéssemos de suportar algo que Jesus não suportou, então, nesse ponto, Satanás apresentaria o poder de Deus como insuficiente para nós. Portanto, Jesus foi 'em todos os pontos tentado como nós.' Hebreus 4:15. Ele suportou toda provação a que estamos sujeitos. E Ele não exerceu em Seu próprio favor poder algum que não nos seja livremente oferecido. Como homem, Ele enfrentou a tentação e venceu pela força que Lhe foi dada por Deus. Ele diz: 'Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Meu Deus; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração.' Salmo 40:8. Enquanto andava fazendo o bem e curando todos os que eram afligidos por Satanás, Ele tornou claro aos homens o caráter da lei de Deus e a natureza de Seu serviço. Sua vida testifica que também nos é possível obedecer à lei de Deus.

Por Sua humanidade, Cristo tocou a humanidade; por Sua divindade, Ele apegou-Se ao trono de Deus. Como Filho do homem, Ele nos deu um exemplo de obediência; como Filho de Deus, Ele nos dá poder para obedecer. Foi Cristo quem, da sarça no monte Horebe, falou a Moisés, dizendo: 'EU SOU O QUE SOU.... Assim dirás aos filhos de Israel, EU SOU me enviou a vós.' Êxodo 3:14. Esta foi a garantia da libertação de Israel. Assim, quando Ele veio 'à semelhança dos homens', declarou-Se o EU SOU. O Menino de Belém, o manso e humilde Salvador, é Deus 'manifestado em carne.' 1 Timóteo 3:16. E a nós Ele diz: 'EU SOU o bom Pastor.' 'EU SOU o Pão vivo.' 'EU SOU o Caminho, a Verdade e a Vida.' 'Todo o poder me foi dado no céu e na terra.' João 10:11; 6:51; 14:6; Mateus 28:18. EU SOU a garantia de toda promessa. EU SOU; não temais. 'Deus conosco' é a garantia de nossa libertação do pecado, a certeza de nosso

poder para obedecer à lei do céu. O Desejo das Idades, 23, 24.